

## O DISPOSITIVO DA TRANSEXUALIDADE E AS VISIBILIDADES TRANS NA WEB

### THE TRANSEXUAL DISPOSITIVE AND THE TRANS VISIBILITIES ON WEB

Izaías Serafim de Lima Neto<sup>1</sup>

Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** *O artigo propõe-se, na esteira dos estudos discursivos inspirados nas elucubrações de Michel Foucault, analisar como se constituem certas linhas de visibilidade e enunciabilidade que produzem o sujeito transexual a partir da noção de dispositivo. Para isso, buscou-se na internet captar materialidades que versam sobre a existência trans em variadas ordens de saber, tais como a Medicina, a Justiça, a Mídia jornalística, etc. Nessa ótica, depreende-se que emergem, ultimamente, nas mídias sociais possibilidades diversas de sujeitos transexuais darem-se a ver. Por tais práticas, subentende-se a construção de narrativas de si em mídias sociais, bem como práticas de objetivação que intentam produzir verdades sobre esses sujeitos. O questionamento que norteia o estudo é: como é objetivado o sujeito transexual em materialidades da WEB que lhes permitem enunciar (sobre) suas existências? As análises constroem-se a partir das seguintes materialidades: i) vídeo do canal Mandy Candy; ii) Notícia do site do Governo do Ceará sobre uso de nome social por pessoas transexuais no estado; iii) Notícia sobre a velhice de sujeitos transexuais; iv) Notícia sobre a atriz transexual brasileira Glamour Garcia e sua estreia na novela A dona do pedaço da Rede Globo em 2019. Entende-se, com o estudo, que as mídias digitais permitem visibilidades e enunciabilidades diversas aos sujeitos trans, seja pela espetacularização do íntimo, seja na objetivação do sujeito pelos diversos campos de saberes através práticas descritoras, categorizadoras ou de narração que inscrevem verdades sobre os gêneros.*

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestre e Doutorando em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba (SEECT-PB). [izaiaslima5@gmail.com](mailto:izaiaslima5@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas/RN e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). [francisco.vieira@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieira@ufersa.edu.br)

**Palavras-chave:** visibilidades; enunciabilidades; espetacularização de si; transexualidade.

**Abstract:** *The article proposes, in the wake of discursive studies inspired by Michel Foucault's explanations, to analyze how certain lines of visibility and enunciability are constituted that produce the transsexual subject from the notion of device. For this, it was sought on the internet to capture materialities that deal with trans existence in various orders of knowledge, such as Medicine, Justice, Journalistic Media, etc. From this point of view, it appears that, lately, there are different possibilities for transsexual subjects to become visible in social media. By such practices, the construction of self-narratives on social media is understood, as well as objectification practices that try to produce truths about these subjects. The question that guides the study is: how is the transsexual subjectified in WEB materialities that allow them to enunciate (about) their existences? The analysis is based on the following materialities: i) video from the Mandy Candy channel; ii) News from the Ceará Government website about the use of a social name by transgender people in the state; iii) News about the age of transsexual subjects; iv) News about the Brazilian transsexual actress Glamor Garcia and her debut in the TV show “A dona do pedaço” of Rede Globo's piece in 2019. It is understood, with the study, that digital media allow different visibilities and enunciations to trans subjects, either by the spectacular intimate, whether in the objectification of the subject by the different fields of knowledge through descriptive, categorizing or narrative practices that inscribe truths about the genders.*

**Keywords:** visibilities; enunciations; spectacularization of oneself; transsexuality.

## Considerações iniciais

O sujeito transexual emerge na clínica Médica a partir de meados do Século XX, descrito e objetivado como um *ser* de existência transtornada, isto é, uma existência disforme, anormal. A transexualidade foi e tem sido patologizada em determinados campos de saber de modo que o sujeito transgênero é categorizado, muitas das vezes, no rol das anomalias do sexo. No entanto, há de se convir que a emergência das mídias sociais têm produzido um movimento cujas reverberações incidem por abrir possibilidades de dar a ver-se por parte desses sujeitos. Por essas práticas de fazer ver-se entendemos a construção de narrativas de si nas mídias sociais, domínios estes que solicitam de seus usuários uma minuciosa *confissão* de si, por meio de vídeos, fotos, textos autobiográficos, contos, noticiários, etc. Assim, argumentamos que as redes sociais e a WEB, como um todo, funcionam para produzir visibilidades possíveis aos sujeitos transexuais.

Por isso, este estudo objetiva analisar como se constituem certas linhas de visibilidade e enunciabilidade que produzem o sujeito transexual a partir da noção de dispositivo de Michel Foucault. Para isso, buscou-se na *internet* captar materialidades que versam sobre a existência trans em variadas ordens de saber, tais como a Medicina, a Justiça, a Mídia jornalística, etc.

Nessa perspectiva, questionamos: como é objetivado o sujeito transexual em materialidades da WEB que lhes permitem enunciar (sobre) suas existências? A partir disso, norteamos nossa pesquisa primando pelo conceito foucaultiano de dispositivo, pensando suas linhas de enunciabilidade e visibilidade propostas por Guilles Deleuze.

Para a construção da discussão, as considerações de Foucault (2001; 2002; 2015a; 2015b), Deleuze (1996; 2005), Bagagli (2016), Bento (2006; 2008), Bento e Pelúcio (2012), Laqueur (2001), entre outros, constituem o suporte teórico-analítico de nosso estudo. Organizamos, assim, nossa teorização e análise em sessão única, na qual são articuladas as nossas considerações sobre o Dispositivo da transexualidade ao passo em que averiguamos discursivamente nosso *corpus* de análise.

Este, por sua vez, é composto das seguintes materialidades: Figura 1: *Printscreen* de vídeo do canal Mandy Candy; Figura 2: Notícia do site do Governo do Ceará sobre uso de nome social por pessoas transexuais no estado; Figura 3: Notícia sobre a velhice de sujeitos transexuais; Figura 4: Notícia sobre a atriz transexual brasileira Glamour Garcia e sua estreia na novela *A dona do pedaço* da Rede Globo em 2019.

### **Linhas de luz são linhas de guerra: o Dispositivo da transexualidade**

Um dos mais centrais conceitos de Foucault é o de dispositivo. O filósofo explica que devemos entender o *dispositivo* como um conjunto heterogêneo de práticas discursivas, instituições, proposições e assertivas dos diversos campos de saber, etc., isto é, todo um conglomerado de práticas discursivas que produzem um determinado objeto, tal como é a transexualidade (FOUCAULT, 2015a). Nesse sentido, Deleuze (2005) argumenta que cada formação histórica produz e veicula o que é visível e dizível em determinada época, isto é, o objeto transexualidade emerge nos diversos discursos através de um processo que medicalizou (ou patologizou) as sexualidades e buscou nos saberes da Medicina explicar as que eram, segundo Foucault (2015a), periféricas. O autor complementa que “O saber é um agenciamento prático, um “dispositivo” de enunciados e visibilidades” (DELEUZE, 2005, p. 60), ou seja, um saber constituído é necessariamente um conjunto de enunciados e visibilidades possibilitadas. Nessa perspectiva, Deleuze (1996) assevera que os dispositivos são máquinas de fazer ver e de fazer falar. Sobre as visibilidades, o filósofo informa que cada dispositivo possui um regime de *luz*, bem como um regime de enunciados, ou de *dizibilidade*. Cada dispositivo, nessa ótica, produz formas de ver e dizer o objeto que constitui. Então, consideramos que, a partir do século XIX, através de constituições de saberes médicos, a transexualidade recebeu feixes de luz e possibilidades de dizer ao passo que foi se constituindo o dispositivo que engendra sua existência.

Para dispormos a ideia de dispositivo da transexualidade, é necessário que pensamos nele como um refinamento das práticas oriundas do dispositivo da sexualidade apresentado por Foucault (2015a), ao tratar da vontade de verdade. Nesse sentido, a transexualidade foi conceituada historicamente, segundo as noções de Bento (2008), como uma incongruência de gênero (ou como disforia de gênero) de modo patológico, o que alocou esses sujeitos em nossa sociedade em regiões de sexualidades periféricas, mesmo que hoje se tenha a noção de que a transexualidade se refere à identificação do sujeito com determinado gênero e menos ao desejo. Nesse sentido,

A transexualidade é uma das múltiplas *expressões identitárias* que emergiram como resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos “normais/anormais” e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais. (BENTO, 2008, p. 24-25) (grifos nossos).

Ao discutir essas questões, Bento (2006, p. 23) conclui que

A construção do “transexual oficial” baseia-se em um saber específico que o separou de *gays*, travestis e das lésbicas e classificou os vários tipos de transexuais para se chegar à determinação final: o “transexual de verdade” não apresenta nenhuma “problema biológico”, mas tem certeza de que está em um corpo equivocado.

Concordamos com Bento (2006) tanto no que diz respeito à construção de uma categorização dicotômica de normal x anormal sexual na nossa sociedade, algo apresentado por Foucault em cursos tais como *Os Anormais* (FOUCAULT, 2001), quanto no entendimento de que há, na experiência da transexualidade, um *equivoco* entre corpo e identidade de gênero e o clivamento que tal proposta tem (no sentido de que esse saber foi produzido e disseminado através da Medicina, Psiquiatria, Justiça) ao produzir verdades sobre esses sujeitos, que iremos buscar descrever a constituição do dispositivo da transexualidade.

Consideramos como constitutivo do dispositivo da transexualidade a irrupção, especialmente no discurso médico, de tentativas diversas de encontrar a verdade sobre a experiência trans. Inicialmente, os discursos produzidos em torno da transexualidade estão no campo da Psiquiatria, a qual entornou esse objeto classificando-a como patologia de gênero (BENTO, 2006). A patologização da identidade transexual é organizada principalmente pela relação que se tem historicamente no Ocidente entre a genitália e o gênero. Laqueur (2001) informa-nos que, em meados do século XVI, os sexos foram inventados, isto é, os corpos foram transmutados em dicotomias que separaram definitivamente homem *vs.* mulher.

A definição dessas categorias é orientada, segundo o autor, para questões estritamente relativas à genitália. Anteriormente a essa transmutação, motivada especialmente pelo desenvolvimento de uma Medicina voltada para questões sexuais e de cunho reprodutivo, os corpos masculino e feminino eram entendidos como uma mesma estrutura cuja diferença residiria na imperfeição do corpo feminino e na perfeição do corpo masculino. Seria, nesse sentido, o corpo feminino apenas uma versão “defeituosa” do corpo masculino, mas que em tese não havia dicotomia entre eles além dessa. (LAQUEUR, 2001).

Essa diferenciação intentava, especialmente, delegar ao homem o direito do orgasmo e à mulher a sua negação. Nesse sentido, o sexo era um direito e uma “habilidade” da virilidade masculina, o que denotava que, para que o mesmo ocorresse, a mulher não necessitaria sentir prazer ou mesmo autorizar o ato. Laqueur (2001) ainda menciona que, a partir do século XVIII, houve a principal formulação da dicotomia sexual, pois, por volta de 1700, o discurso médico separou definitivamente a vagina e o pênis, assumindo-os não mais como a mesma estrutura (diferindo apenas na sua “imperfeição”), mas como órgãos opostos e um submetido ao outro.

Laqueur (2001, p. 19) assinala, ainda nessa discussão, que, antes do século XVII, “ser homem ou ser mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis.” O autor ainda nos

explica que antes dessa irrupção discursiva em torno da binaridade dos gêneros, o mundo era de um “sexo único”.(LAQUEUR, 2001, p. 19).

É nessa emergência de discursos médicos sobre as genitálias, que pensamos estarem sustentadas as formatações dos ideais de gênero-genitália que perduram até a atualidade, obviamente ganhando outros contornos diversos, retaliações, complementações. Laqueur (2001) ainda argumenta que tais mudanças foram também questões políticas, tendo em vista que a importância dessa dicotomia entre os sexos só se tornou importante quando aparece na esfera político-científica de produção e divulgação de saberes sobre o corpo. A distinção sexual é um empreendimento político-cultural no sentido de que foi um mecanismo através do qual o corpo feminino destituiu-se ainda mais de sua virilidade e força na representação social.

Após esse momento em que houve uma distinção entre os sexos, é importante pensarmos na constituição, segundo Foucault (2015a), durante a virada do século XVIII para o XIX, de um *governo* específico sobre o corpo, ou sobre a vida, que o filósofo nomeia de biopoder. Esse poder se exerce, especialmente, a fim de gerir a vida centrada nos corpos, primeiro individualizados dos sujeitos, depois agrupados em população. Tal tecnologia de poder fez com que se medicalizasse cada vez mais a existência, tendo em vista que é imprescindível pensarmos o dispositivo da transexualidade como de bases clínicas.

Boa parte dos discursos em torno da transexualidade, a partir do final da década de 1860, foram produzidos no cerne do saber clínico, com especificidade nas ciências psi: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, pois, antes disso, a categoria conhecida era do/a hermafrodita, chamada por Leite Jr (2008) como pai da categoria trans. Os saberes médicos foram abarcando, dentro de regimes biopolíticos, as existências transexuais de modo a encontrar ou lhes autorizar uma *verdade*. Santos (2010), em sua tese de doutoramento, fez um mapeamento em torno dos saberes que constituíram o que pensamos como dispositivo da transexualidade. A estudiosa especifica que

A ideia da transexualidade, enquanto um “transtorno de identidade de gênero”, é resultado de um conjunto de saberes que, através de relações e práticas de poder, estabeleceu sobre os corpos, o sexo e a sexualidade toda uma organização conceitual que permitiu e legitimou a transexualidade enquanto um fenômeno do âmbito médico, principalmente psiquiátrico. (SANTOS, 2010, p. 10)

Compreendemos, assim, segundo explica Santos (2010), que o dispositivo da transexualidade existe como uma engrenagem cuja estrutura captura sujeitos e suas corporeidades, os investiga, descreve, tateia e molda através de estratégias difusas e heterogêneas de poder. Essa descrição ocorre, especialmente em tratados clínicos de orientação psiquiátrica, através do termo “transtorno”, o que produz efeitos de sentido sobre os sujeitos trans categorizando-os como portadores de um “defeito” cujo resultado é uma desorientação psíquica entre as genitálias e as identidades. Nesse sentido, a estudiosa, com base no conceito de Foucault (2015a) quanto ao que é o dispositivo, lança a seguinte afirmação:

[...] o dispositivo da transexualidade se configura como um conjunto de enunciados, práticas, postulados, teses científicas, experiências, instituições, entre outros elementos que perfazem um regime de enunciados e práticas que consolidaram a transexualidade enquanto um transtorno de identidade de gênero e/ou disforia de gênero. (SANTOS, 2010, p. 58)

No século XX, a categoria trans foi constituída como categoria patológica de gênero (transtornado) especialmente pela irrupção de uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2015a) sobre as identidades sexuais. A emergência de instituições especializadas em diagnosticar o Transexual verdadeiro, tal como o *Harry Benjamin Internacional Gender Dysphoria Association* (hoje *World Professional Association for Transgender Health*) por volta da década de 60-70, mostra-nos a possibilidade de pensar a configuração biopolítica do dispositivo da transexualidade.

Um dos principais resultados dessa tomada da clínica sobre o corpo transexual foi o desenvolvimento de processos de *adequação* do corpo ao gênero, principalmente através de tratamentos hormonais propiciados pela endocrinologia, além de processos estéticos e cirúrgicos como cirurgias plásticas de *feminilização/masculinização* dos rostos dos sujeitos, bem como a cirurgia de redesignação sexual (cunhada, inicialmente, como cirurgia de mudança de sexo) (BENTO, 2006).

Essa ótica clínica engendrada em boa parte do século XX, tem sido combatida especialmente a partir da última década daquele século através da emergência de uma defesa da separação da categoria gênero dos saberes biológicos. Os estudos em torno do gênero e a crítica à perpetuação de ideias de corpos gendrificadas, bem como o trabalho em torno do conceito de identidade, está no cerne do processo que visa despatologizar a transexualidade.

Fatos tais como as batalhas no âmbito jurídico, midiático e médicos para que se viabilize a possibilidade de assumir identidades sociais (como nome registrado em documentos civis, além da busca pela aceitação do nome social de pessoas trans) são imprescindíveis para se pensar esse processo. É importante mencionar, como descrevem Bento e Pelúcio (2012), que desde a década de 50 do século XX há um movimento internacional contra a patologização das identidades trans, movimento este que arrola resistências nos campos da clínica médica, bem como no direito e na produção cultural.

Os movimentos diversos no mundo, através de manifestações e o empreendimento de discussões acadêmicas, só tiveram resultados no ano de 2018 quando da publicação do CID 11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) e houve a alteração do termo “transtorno de gênero” (publicado no CID10 de 1989) para “incongruência de gênero”. Tal alteração retira a identidade trans do rol das problemáticas de saúde e insere no campo das expressões de identidade, no entanto, ainda conectada à corporeidade biológica.

Bagagli (2016) advoga que os processos e lutas que coadunam com a despatologização da transexualidade (ou transgeneridade) se baseiam na necessidade de autorizar, de modo mais incisivo e claro, que os sujeitos trans possam produzir suas próprias narrativas identitárias de modo autônomo, incluindo nisso a liberdade de modificar seus corpos através dos artificios clínicos disponíveis sem que isso denote uma doença, transtorno ou a possibilidade de curar algo. Nessa ótica, Bagagli (2016), Bento (2003; 2006) e Bento e Pelúcio (2012) concordam que o processo de patologização da identidade trans ocorreu por uma memória de cisgeneridade hegemônica, a qual põe o sujeito cisgênero como a norma e o transgênero como o desvio. A luta pela despatologização busca, então, dirimir os efeitos das noções de norma e produzir novos modos de vida não mais instituídos em dicotomias de gênero, mas em redes de possibilidades de ser, as quais são tão múltiplas quanto férteis socialmente, produzindo subjetividades imersas em trânsitos identitários sem relações de patologização.

Nesse sentido, a transexualidade é patologizada porque em nossa sociedade existe uma produção do que Bagagli (2016) chama de *cisgeneridade hegemônica*, isto é, os sujeitos cisgênero (os quais se identificam com o gênero designado ao nascerem) são tornados como *sujeito universal* do gênero, enquanto as experiências trans são objetos deles. Quem cataloga e

decifra a transexualidade é, na história do Ocidente, instituições clínicas cuja proposta é produzir verdades quanto aos objetos que constituim. Assim, o olhar cisgênero é o que orienta a busca pela verdade transgênero. A hegemonia desse olhar engendra uma naturalidade do Eu-cisgênero e uma anomalia do Outro-transgênero. Na relação de produção de saberes através de relação de força, o inteligível, descritível, interrogável é sempre a experiência trans, pois o sujeito cisgênero tem seu existir como natural e ele é o autorizado a objetivar o que desvia de sua própria experiência. (BAGAGLI, 2016).

Coadunando a isso, Bagagli (2016, p.95) argumenta que, no que diz respeito à patologização das identidades trans e a sua objetivação por instituições clínicas, são produzidos dois efeitos sobre a vida dos sujeitos transgêneros:

Num primeiro aspecto, os sujeitos transgêneros aparecem sem a possibilidade de narrarem a si mesmos, assim como são destituídos da autonomia sobre seus corpos e identidades, tendo que depender da validação do outro. Assim como a verdade do gênero do sujeito trans não se encontra implicada - em termos de responsabilidade do dizer - pela ação da fala de quem propriamente enuncia, seria preciso estabelecer critérios externos aos sujeitos para a validação da transexualidade verdadeira.

Nessa ótica, a transexualidade é conceituada a partir de uma rede institucional que a nomeia e descreve. A sua existência e sua verdade, na ótica do dispositivo, é entremeadada por relações de força as quais capturam (e tentam tutelar suas subjetividades) os sujeitos trans em práticas profissionais distintas<sup>3</sup> e processos de objetivação: i) uma primeira instância de confissão é a busca por uma identidade-identificação com um grupo de pertencimento, ou de identidade, isto é, os sujeitos trans são moldados a partir de estereótipos de pertença, características notáveis que são, segundo os saberes psiquiátricos, aspectos de um(a) transexual *verdadeiro(a)*.

A segunda instância de confissão pauta-se nas maquinarias de gênero que conduzem os sujeitos aos papéis que devem, através de seus corpos, serem confessos por meio de trejeitos, trajes, curvas, órgãos docilizados ou embrutecidos, principalmente através do que concebemos por medicalização dos papéis de gênero, mostrada especialmente pela busca por cirurgias plásticas e tratamentos hormonais por sujeitos trans a fim de se adequarem à norma transexual. (SANTOS, 2010).

No que diz respeito ao canal de Mandy Candy, podemos constatar diversos vídeos que a *youtuber* produziu nos quais o tema é a relação corpo, transexualidade, gênero e medicalização. Nesses vídeos, Mandy descreve e expõe procedimentos estéticos<sup>4</sup>, cirurgias plásticas, orienta demais sujeitos transexuais a como proceder para iniciar os tratamentos

---

3 Pensamos aqui as práticas profissionais segundo a ótica foucaultiana de que o dispositivo da confissão orienta os sujeitos a confessarem-se (em suas mais íntimas questões) a um pastor: a atualização desse dispositivo faz-nos fincar o pensamento sobre um dispositivo confessional que empreende práticas de fazer-se ver, fazer-se visível. Nesse sentido, a prática confessional dantes apenas locada num ritual religioso, espalha-se pelo corpo social de modo que sendo uma sociedade confessante (FOUCAULT, 2015a), todas as práticas de identidade são portanto confissões de nós mesmos, quer sejam inscritas no corpo, na voz ou nos papéis que desempenhamos na sociedade gendrificada.

4 Ver: Playlist de vídeos da Mandy apresentando os procedimentos estéticos e clínicos que ela realizou para performar aspectos e feições mais feminilizadas, segundo a mesma. Playlista Bem barbezinha – procedimentos estéticos, etc. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=MkyixJNzYhA&list=PLYpyrGo5X4HKsxXrGRGes71E3O44fQfnz>

médico-hormonais para a transição, etc. É perceptível no enunciado que veremos a seguir a necessidade que o sujeito teve e tem em se alinhar à norma cisgênero no sentido de produzir seu corpo a partir de uma representação prototípica do que é mulher: nesse caso, o *ser* mulher é uma identidade visual, engendrada em partes físicas (como seios e vagina), aspectos comportamentais (como docilidade e sutileza de gestos) e expressões físicas (tais como rosto fino, mãos delicadas e sem pelos, voz aguda e aveludada). Vejamos:

Figura 1 – Print screen do canal Mandy Candy<sup>5</sup>



Fonte: Canal Mandy Candy, 2019.

No vídeo acima, nomeado de *O que mudou no meu corpo com a terapia hormonal*, o sujeito narra seu processo de transição corporal através de procedimentos clínicos, tais como a ingestão de hormônios femininos, bem como descreve o processo e os efeitos dessa ingestão de fármacos. Compreendemos, assim, como exemplo dos processos biopolíticos que atravessam a experiência transexual, pois, o sujeito orienta (descrevendo sua própria história com tratamentos hormonais) os e as demais transexuais que estiverem a busca de informações. A saúde, nesse caso, é um dos tópicos abordados pelo sujeito. Entendemos, por isso, que o foco de tais estratégias biopolíticas, na acepção foucaultiana, é preservar a vida das populações, tratando-se, neste caso, da população transexual.

O título do vídeo acima demonstrado, sugere um profundo exame de si (FOUCAULT, 2006), um mapeamento clínico de si, em que o sujeito se percebe através de uma lógica de transmutação *corpo-antes* e o *corpo-agora* (um corpo-outro). Essa prática de si (FOUCAULT, 2015b), cujo efeito é um exercício de análise clínica do próprio corpo a fim de construí-lo, é orientada em certa medida para relações de poder. Ao observamos o número de *likes* (32 mil) e *deslikes* (137), assim como número de visualizações (pouco mais de 216.000 na data em que acessamos ao vídeo), é perceptível o alcance e a recepção desse enunciado que é produzido a partir de uma vontade de se fazer ver (SIBILIA, 2008), orientar os outros que estão em mesmo processo de transição corpórea, bem como estabelecer um elo com saberes médicos a fim de produzir a si mesmo como resultado de um esforço científico de elaborar seu corpo como uma peça de arte modelada e detalhadamente pensada para atender à ideação estética de sua identidade *mulher*.

<sup>5</sup> Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=YCKs2G-Mii4>. Acesso em: 05 jan.2020



Para além dessa ótica médica, é necessário perceber que o dispositivo da transexualidade reúne de modo difuso diversos discursos, enunciados, ao passo que produz verdades sobre os sujeitos transexuais. Abaixo trazemos algumas materialidades retiradas do arquivo que demonstram como a experiência transexual tem sido cada vez mais discursivizada pelas mais diversas instâncias, tais como a mídia, a Medicina, a Justiça, a Religião. Observemos abaixo essa materialidade, a qual trata de uma notícia postada no site oficial do Governo do Estado do Ceará em 31 de Julho de 2019. A materialidade noticia o sancionamento de uma lei interna do estado sobre o direito de pessoas transgêneros utilizarem, em registro oficial, seus nomes sociais. É perceptível o aparato jurídico que objetiva os sujeitos trans de modo a ser ele o único capaz de *legitimar* suas existências, nesse caso. O regime de leis e códigos de justiça entremeiam as verdades socialmente construídas de modo que é necessário intervir juridicamente, através de um dispositivo que captura a humanidade e o direito desses sujeitos, para que eles possam estar autorizados a terem um nome que seja confortável às suas identidades. É nessa ótica que Foucault (2002) argumenta que as formas jurídicas produzem em nossa sociedade um certo número de verdades, verdades sobre os sujeitos, seus corpos e intentam governá-los. Ainda, o filósofo fala que em nosso tempo, essas formas jurídicas produzem determinados tipos de saber que empreendem moldar as subjetividades.

Figura 2 – Notícia do site do Governo do Ceará sobre uso de nome social por pessoas transexuais no estado



Fonte: *Site* do Governo do Estado do Ceará<sup>6</sup>

A lei de número 19.649 de 30 de Julho de 2019 é uma das emergências discursivas em torno da vida trans, que é, nesse sentido, produzida a partir de aparatos de direito, os quais sancionam as possibilidades de estar autorizado ou não a transitar socialmente com o nome que deseja. A liberdade do sujeito, nessa ótica, é um produto anteriormente jurídico e finalmente midiático. A divulgação, por parte do governo, dessa lei, de modo a objetivar o sujeito trans também nas mídias sociais, reverbera possibilidades de inscrição desses sujeitos em diversas outras regiões discursivas.

Observamos, assim, uma formidável irrupção de enunciados sobre a vida transexual na *internet*, tanto através de uma publicização copiosa em torno de celebridades e artistas trans, quanto uma maquinaria noticiária complexa que busca descrever, tatear e interrogar essa experiência de gênero, produzindo discursos diversos no campo da política, das artes, das ciências biológicas.

Figura 3 – Notícia sobre a velhice de sujeitos transexuais

<sup>6</sup> Link de acesso: <https://www.ceara.gov.br/2019/07/31/governo-sanciona-lei-que-garante-direito-a-identificacao-de-pessoas-trans-pelo-nome-social/>

TRANSEXUALIDADE &gt;

## “Estou fazendo hora extra no mundo”: o inesperado cotidiano da velhice trans

No país que lidera os ranking mundial de assassinatos de transexuais e travestis, Gretta Star e Léo Barbosa falam do cotidiano da vida madura: “Me vejo uma bicha velhinha, fazendo tudo o que eu gosto”

Fonte: *El País*<sup>7</sup>

Na materialidade que trazemos acima, vemos ser objetivado o sujeito transexual através de discursos sobre si ao passo que se alia a saberes médicos e é capturado por estratégias biopolíticas. A reportagem sobre saúde e vida transexual na terceira idade irrompe a partir das narrativas de si de dois sujeitos transgêneros: Gretta Star e Léo Barbosa. Ambos narram na entrevista suas experiências de vida transexual fazendo de so contraponto às estatísticas que afirmam a média de vida da população trans ser por volta dos 35 anos de idade (dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais e TransRespect).

O discurso da reportagem, que é produzida a partir de um conjunto de questionamentos que solicitam do sujeito um retorno à sua própria história para assim narrá-la, objetiva um sujeito cujas expectativas de vida extrapolam a da sua população. O movimento de individualização desse sujeito torna sua experiência um lampejo cintilante em meio às milhares de mortes de transexuais anualmente causadas por transfobia. Entendemos que essa materialidade comporta aspectos interessantes do dispositivo da transexualidade, e suas linhas de luz e força (tal qual discute Deleuze (1996), no sentido de que este faz aparecer nas mídias de notícia um sujeito cuja vida (mesmo que ainda abjeta) interessa a sociedade. Esse interesse é uma vontade de produzir verdades sobre esses sujeitos e identificar determinados feitos célebres em sua existência, tal qual a sobrevivência e a chegada a terceira idade dos dois sujeitos entrevistados. O lampejo, ou a luz desse dispositivo, faz ver um caso, raro, de transexuais que passam dos 60 anos de idade no Brasil.

Figura 4 – Notícia sobre a atriz transexual brasileira Glamour Garcia e sua estreia na novela *A dona do pedaço* da Rede Globo em 2019

### Quem é a atriz intérprete da transexual Britney em "A Dona do Pedaço"

Personagem entrou na novela e fez sucesso nas redes sociais

PUBLICIDADE

UOL resolve

Cobertura nacional



Glamour Garcia vive Britney em "A Dona do Pedaço". Foto: Divulgação

Publicado em 25/09/2019 às 09:19:43, atualizado em 29/09/2019 às 22:23:34  
Por: Natan Lorenz

Facebook, Twitter, WhatsApp, Email, Print, RSS

<sup>7</sup> Link de acesso: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/politica/1560972279\\_749450.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/politica/1560972279_749450.html) >

Fonte: UOL<sup>8</sup>

Já na materialidade acima, é possível perceber como o dispositivo da transexualidade permite que se celebre a assunção de determinados sujeitos ao estrelato (ainda que momentâneo). Os modos difusos de objetivar a experiência trans permitem que em um *site* especializado de fofocas e notícias das celebridades, descreva e divulgue a existência de uma transexual na novela. Não há menção no discurso que patologize o sujeito e este se orienta para elogiar o feito de ser uma atriz transexual em uma novela em horário nobre de televisão. O dispositivo, na acepção de Deleuze (1996), faz ver e falar segundo condições políticas, estéticas, dentre outras. É nesse sentido que entendemos as duas materialidades como formas de visibilidade política dos sujeitos transexuais, bem como práticas que objetivam sua existência e permitem processos de subjetivação e resistência por parte dos sujeitos.

Percebamos, através das materialidades expostas, que o dispositivo da transexualidade se engendra e permeia a sociedade a fim de asseverar a experiência transexual com bases científicas, jurídicas, psiquiátricas, bem como midiáticas e culturais, capturando, assim, esses sujeitos em regimes de verdades e através de relações de forças que solicitam dos mesmos que se façam ver e produzam para si visibilidades diversas, quer seja por meio das mídias sociais, quer por notícias.

## Considerações Finais

Objetivamos, com este estudo, analisar como, através da WEB, são constituídas algumas linhas de visibilidade e enunciabilidade, as quais findam por produzir o sujeito transexual dentro de um complexo arquitetônico de enunciados, proposições, instituições, saberes etc., conceituado por Michel Foucault como dispositivo. Buscamos, então, postagens jornalísticas, midiáticos, vídeos, dentre outros, na *internet* como forma de captar materialidades que versassem sobre as (re)existências trans em variadas ordens de saber.

Nosso intento se guiou a partir das proposições de Deleuze, especialmente na tessitura do que o filósofo nomeia *linhas de luz e linhas de enunciabilidade*. A partir de esboço teórico e da proposta analítica que construímos, pudemos perceber como é objetivada a existência trans em algumas plataformas da internet, tais como site de notícia, fofoca, canais do *YouTube*, etc. Nesse sentido, consideramos a WEB como um universo de visibilidades e enunciabilidades possíveis para os sujeitos transexuais. Seja por meio de práticas em que as narrativas de si são produzidas para produzir o espetáculo do íntimo, seja na objetivação do sujeito pelos diversos campos de saberes, é incontestável que os atuais regimes de verdade flagram cotidianamente a existência trans, de modo a constituir – por meio de práticas descritoras, categorizadoras, de narração e inscrevem verdades sobre os gêneros – para estes sujeitos possibilidades de serem vistos.

Diante da captura desses sujeitos através de feixes de luz do dispositivo, as existências trans são postas à baila para descreverem nas redes sociais, nas páginas jornalísticas, sites governamentais, etc, a sua experiência subjetiva, seus modos de ser, produzindo uma estética da existência trans, bem como funcionando como práticas constitutivas de verdades e resistências em meio às empreitadas normativas e normalizadoras da sociedade.

---

<sup>8</sup> Link de acesso: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2019/05/31/quem-e-a-atriz-interprete-da-transexual-britney-em-a-dona-do-pedaco-129325.php>. Acesso em 15 de Fev. 2020

## Referências

- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Periodicus**. n.5.; v.1. 2016. p.87-100.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é a transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista de Estudos Feministas**. n.20, v,2, Florianópolis, 2012. p. 569-581.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEITE JR, Jorge. “Nossos corpos também mudam”: sexo, gênero e a invenção das categorias “Travesti” e “Transexual” no discurso científico. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. 233p.
- SANTOS, Maria de Fátima Lima. A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas experiências trans. Tese (Doutorado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2010. 185p.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo: v. 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Artigo recebido em: 19/04 2021  
Aprovação final: 22/06/2021  
10.35501/dissol.vi13.913